



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA - TURMA 2008.1**

Antoniél da Silva Tertuliano

Linha de pesquisa

Geografia e Análise da Pesquisa

**ESPACIALIDADE DA VIOLÊNCIA E DO MEDO NA MESORREGIÃO DO
AGRESTE PARAIBANO**

Orientador: Prof^o Dr. José Jakson Amâncio Alves

Guarabira - PB

2011

Antoniél da Silva Tertuliano

**ESPACIALIDADE DA VIOLÊNCIA E DO MEDO NA MESORREGIÃO DO
AGRESTE PARAIBANO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia sob a orientação de Prof^o. Dr. José Jakson Amancio Alves.

Guarabira - PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

T332e

Tertuliano, Antoniel da Silva

Espacialidade da violência e do medo na mesorregião do agreste paraibano / Antoniel da Silva Tertuliano. – Guarabira: UEPB, 2011.

28f.:il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. José Jakson Amancio Alves”.

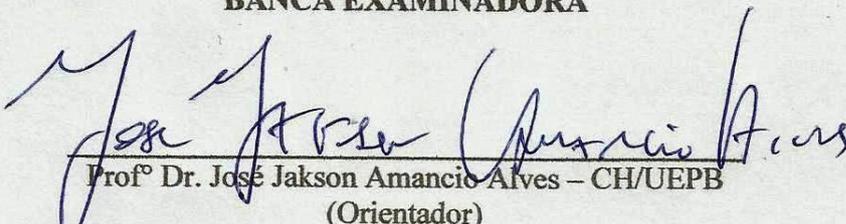
1. Violência 2. Homicídio 3. Agreste Paraíba
I.Título.

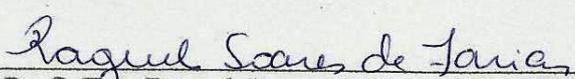
22.ed. CDD 362.708

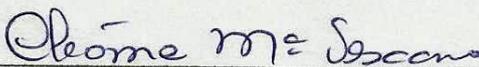
Antonieli da Silva Tertuliano

**ESPACIALIDADE DA VIOLÊNCIA E DO MEDO NA MESORREGIÃO DO
AGRESTE PARAIBANO**

BANCA EXAMINADORA


Prof.^o Dr. José Jakson Amancio Alves – CH/UEPB
(Orientador)


Prof.^a Esp. Raquel Soares de Farias – CH/UEPB
(Examinador^a)


Prof.^a Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques – CH/UEPB
(Examinador^a)

Aprovado (a) em 13/12/11

Guarabira - PB

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer e dedicar este trabalho a **Deus** por me conceber a dádiva da vida e permitir nascer de novo após minha situação crítica de saúde devido à terrível onda de violência que se espalha por todos os lugares, cujo tema é foco dos meus esforços neste artigo. Graças a Deus e a fé de todos, pude continuar a ter esperanças de concluir este curso e de apresentar esse artigo e de ter a chance de descobrir o quanto pessoas boas são próximas a mim e querem o meu bem.

A minha mãe Damiana da Silva Tertuliano, e meu pai Antônio Tertuliano “*in memoriam*”, pelo amor, cuidados e dedicação em minha educação. Aos meus irmãos Daniel da Silva Tertuliano, Jacqueline Moisés da Silva e Josefa Tertuliano, à Maria Aleuda, José Pires e todos os outros pelo apoio e incentivo em todas as fases de minha vida. Que em muitos momentos, desempenharam os papéis de meus pais. Aos meus sobrinhos Rafael Kennedy, Franciely Kelly, e Francisco Neto, à meu cunhado Francélio Andrade, e a todos os meus familiares que direta e indiretamente contribuíram de alguma forma para que hoje estivesse aqui agradecendo e concluindo essa grande fase da minha vida.

Aos meus amigos Jaciélio Matias, Micherlane Targino, Josélio Teixeira e Reinaldo Costa pela disposição e grandiosa ajuda na conclusão deste trabalho devido às circunstâncias, compreensão e dedicação nas horas mais difíceis e fáceis de minha jornada acadêmica. Não posso deixar de agradecer e de fazer menção à família do amigo e agora irmão Jaciélio que me prestou socorro no momento crítico.

À Universidade Estadual da Paraíba, Campus III da cidade de Guarabira por fornecer subsídios que permitiram condições para que eu pudesse ter um curso de graduação. Aos professores do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB, em especial ao meu orientador, professor **José Jakson Amancio Alves** pela paciência na orientação deste trabalho, e pelo grande aprendizado. Aos examinadores deste trabalho Cléoma Maria Toscano Henriques e Raquel Soares de Farias por aceitarem o convite e participarem de tudo isso. E aos outros professores que permitiram que o conhecimento adquirido ao longo de quatro anos deste curso me conduzissem à conclusão do mesmo, com menções a Fábio Dantas, Regina Celly, Luciene Arruda, Alethéia, Aline e Santana.

Aos meus colegas da turma 2008.1 tarde Alessandra Gomes, Alcicleide, André Félix, Bruno Torres, Edicleide, Geisa Karla, Isaiene Isabel, Jean de Barros, João Paulo, Júlia Celly, Kennedy Rios, Maria Elialda, Maria Gorete, Maria Luíza, Micherlane Targino, Rainer

Ribeiro, Sueliton, Thalís Pontes e William Santos pela amizade fraterna adquirida ao longo desses quatro anos permitindo-me crescer pessoalmente e profissionalmente.

Aos meus colegas da turma 2008.1 noite, Anacleto Farias, Aldeneide Fidélis, Aline Machado, Flávio Daniel, Gilvando Nunes, Jackson Leandro, Alexandre, Willame Walkíria, Wandson, Severino Damião, Wandemberg, Maria Valéria, Maria de Fátima e Everson Nunes, Stanus, Ezequiel, Lenilson, Janicléia, Roberto, Magno, Paulo, Rosilene e da turma 2009.1 da noite Walkíria, Leandro, Adriano, Fátima, Wilkson, Irapuan e Gildácio pelo companheirismo apresentado no início e no decorrer do curso.

Ao pessoal do ônibus Cláudio, Mariane, Kérssia, Rose, Hellen, Raquel, Taíse, Irmã Mara Juliana, Luciana, Thaís, Daluz, Ana Carolina, Dona Maria José, Verônica, Luanna, Jucelino, Janaína, Íria, Lucy, Milena, Lucilvânia, Jean, João, Sérgio, Arthur, Alan, Joseane, Bruno, Emília, Glébia, Geilson, e outros tantos que ao mesmo tempo em que eu, lutaram saindo das cidades de Solânea, Bananeiras, Arara e Borborema e faziam de nossas viagens à UEPB, momentos bons cheios de conversas humoradas e debates de todo tipo de assunto. A Prefeitura Municipal de Solânea que cedeu por todo esse tempo este ônibus, e aos motoristas Rivando, Evanilson e Gonzaga que foram fundamentais para que eu concluísse esse curso.

Aos grandes amigos da UFPB e do curso de Administração da mesma instituição, professores, funcionários e colegas como Thamires, Leví, Carlinhos, Rosivânia, Prof. César, Prof. Josemar, Profa. Edilma, Dona Lucinha, Rosane, Michelle, Fernanda, Elis, Renato, Bianca, Carlos, Romário, Daniel, Pollyana, Erasmo, Elton, Hericlapton, Juliana, Dona Jailma, Euclides, Wannessa, Rei, Mayara, Nildinho, Wellison, Juan, Silas e Isabella que estão presentes no meu dia-a-dia, com palavras, carinho e um imenso apoio.

Aos meus colegas de trabalho Aluízio Junior, Hilda Caliana, Jaqueline, Carlito e Glória por me permitirem lecionar informática e aumentar o meu profissionalismo durante esse ano. Agradeço também a todos os meus alunos que se tornaram amigos e fecharam o ciclo de aprendizagem durante o tempo que passamos juntos.

Agradeço também à família da minha tia Damiana pela disposição de espaço e hospedagem em sua casa para que eu pudesse adiantar com mais eficiência este trabalho. E a minhas primas Diana e Neyde pela força e apoio que deram neste período.

E um agradecimento imensurável a todos os meus vizinhos e amigos que estiveram comigo nesta fase difícil e prazerosa da minha vida, aos que se mobilizaram e doaram sangue para mim e para os que precisarão. Nomes são muitos e para não cometer o pecado de esquecer algum, deixo meu recado.

Amo todos vocês! Muito obrigado por tudo.

043 – Licenciatura Plena em Geografia

Título: Espacialidade da Violência e do Medo na Mesorregião do Agreste Paraibano

Linha de pesquisa: Geografia e Análise da Pesquisa

Autor: Antoniel da Silva Tertuliano

Orientador: Prof^o. Dr. José Jakson Amancio Alves – CH/UEPB

Examinadores: Prof^a. Esp. Raquel Soares de Farias – CH/UEPB

Prof^a. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques – CH/UEPB

RESUMO

A violência entendida como forma de agressão a outra pessoa se caracteriza na sociedade sob diversas faces, o homicídio revela a violência levada ao extremo. A morte por violência tem sido ultimamente despertado interesse pelas ciências humanas em especial, a Sociologia e o Direito e mais recentemente recebe a contribuição dos estudos da Geografia, pois sendo produto da relação homem-espaco, a violência pode ser compreendida e analisada pela ciência geográfica. A violência revela maior participação nos grandes centros urbanos, porém vem sendo observado o processo de interiorização da violência. Processo esse que motivou essa pesquisa, que propõe realizar um estudo espacial sobre esse fenômeno na mesorregião do Agreste paraibano. Estatísticas descritivas permitiram a determinação das taxas de homicídio e mortalidade com os dados disponíveis no Sistema de Informação sobre Mortalidade do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde. Posteriormente com o levantamento bibliográfico sobre o tema, foi permitida a realização da pesquisa. Nota-se que os grandes centros ocupam a maior parcela de homicídios, no Agreste paraibano, Campina Grande ainda que seja o principal centro econômico dos municípios que compõem essa mesorregião, detém as maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes. Com esse estudo foi possível a construção de gráficos e tabelas que permitiram a visualização da distribuição por municípios e por microrregião.

Palavras-chave: Violência, homicídio, Agreste paraibano.

ABSTRACT

The form of violence as an assault on another person in society is characterized under various faces murder reveals the violence taken to an extreme. Death by violence has been lately aroused interest in the humanities in particular, sociology and law and most recently receiving the contribution of studies of geography, as being the product of the relationship between man and space, violence can be understood and analyzed by geographic science. The violence revealed more in large cities, but has been observed the process of internalization of violence. Process that motivated this research, which proposes to conduct a spatial study of this phenomenon in the middle region of the Agreste of Paraiba. Descriptive statistics allowed the determination of homicide rates and mortality with data available in the Mortality Information System Database of the National Health System with the later literature on the subject was allowed to conduct the study. Note that the large centers occupy the largest share of homicides in the Agreste Paraiba, Campina Grande which is still the main economic center of the municipalities that make up this middle region, has the highest rate of homicides per 100 000 inhabitants. With this study it was possible to construct graphs and tables that allowed visualization of the distribution by municipalities and micro.

Keywords: Violence, murder, Agreste Paraiba.

1 INTRODUÇÃO

Pessoas morrem no mundo todo e a todo o momento, isto é um fato. Alguns de morte natural que são caracterizados pelo senso comum como aceitáveis, outros tem a má sorte de terem suas vidas tiradas pelas mãos de outrem, estas constituem ao entendimento de não estarem na ordem natural das coisas, mas como perturbação dessa ordem. Nestes casos, os homicídios, são apelos pela justiça nos casos de violência interpessoal.

A palavra violência é de origem latina, o vocabulário vem da palavra *vis* que quer dizer força e se refere às noções do constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro (MINAYO, 2006, p. 10). Seu verbo significa tratar com violência, profanar, transgredir, caráter violento ou bravo, força (DIAS, 2008).

Dentro da crescente participação dos geógrafos em grupo de pesquisa sobre violência ou crime, busca-se compreender a evolução desse tipo de estudo, que parecia estar restrito a poucas esferas do conhecimento científico, em especial a Sociologia e ao Direito, mas que atualmente começa a ser preocupação também de outras áreas do conhecimento humanos, inclusive da Geografia Humana (BORDIN, 2009, p. 16).

O rápido crescimento das taxas de crime observado nas últimas décadas tem despertado o interesse de diversas ciências que se lançam na busca de uma melhor compreensão desse multifacetado fenômeno (BATELLA, DINIZ & TEIXEIRA, 2008, p.22).

Guidugli (1985) *apud* Batella, *et al* (2008), afirma que este crescimento é agravado pelo aumento do nível de concentração espacial, sobretudo a partir do fenômeno da metropolização, apresentando, ainda, forte correlação com outras características espaciais e, também, com a configuração de diferentes parcelas do território das cidades.

Tendo em vista que a academia não pode se ausentar da obrigação de contribuir com o desenvolvimento da sociedade, ainda assim, percebe-se uma grande ausência de estudos nessa área que de fato contribuam a uma ou qualquer melhoria da comunidade. Nisso, este trabalho tem como objetivos discutir o fenômeno da espacialidade da violência no Agreste paraibano, bem como, identificar os problemas referentes à segurança pública, levantar as principais causas de violência, calcular e comparar os índices de violência dos municípios estudados. Isso com o intuito de fornecer informações para servir de subsídios aos órgãos públicos e atentar para que outros estudos sejam feitos em prol da redução deste problema que também adentra em direção ao interior de nossas cidades, a interiorização da violência.

Por meio da coleta e disposição de dados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS) foi possível, com o

auxílio da estatística descritiva, elaborar uma classificação das taxas de homicídios dos municípios do Agreste paraibano conduzindo a pesquisa aos resultados apresentados.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Violência e Geografia

A violência ocorre em todos os lugares e pode ser entendida como uma perturbação das leis e da ordem ética no âmbito social, sendo esta, produto da sociedade a violência acaba sendo alvo de estudos de diversas ciências sociais, principalmente a Sociologia e o Direito. A Sociologia tentando explicar os fatores sociais que condicionam esta perturbação, e o Direito se preocupa com as conseqüências dos atos criminosos.

E como as situações de violência e crimes são resultados de ações humanas em determinadas sociedades e em um dado espaço ou território, o estudo geográfico se faz necessário e os estudos decorrentes dessas relações com os processos de interação homem-espaço (BORDIN, 2009, p.16)

A idéia de violência e de seu crescimento vai se traduzindo em um clamor por segurança pública, entendida como sinônimo de um conjunto de medidas, ações e intervenções da ordem estatal que possam reduzir esta violência, conduzindo a sociedade a padrões mais solidários de convivência (PORTO, 2009). Convivência que está cada vez mais ameaçada, por conta do medo que se assola nos grandes e agora pequenos centros urbanos. Pessoas investem em aparatos de segurança temendo às ruas e toda sorte se lança a elas, o que compromete a interação social.

A apreensão da violência é complexa porque, sendo um produto da sociedade, ela muda de fisionomia e de escala de acordo com as mudanças dos aspectos da vida social. Nesses termos, coloca-se como impossível conceber e aprender a violência independentemente de critério e ponto de vista (DIAS, 2008).

Segundos os dados do Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros publicado por WAISELFISZ (2007), os 556 municípios brasileiros que detém altas taxas de homicídio na faixa etária de 15 a 24 anos reúnem quase metade (47%) da população do país e 81,9% dos assassinatos. Esse quadro se explica pelo fato do tráfico de drogas se estruturarem nas áreas mais empobrecidas das metrópoles, e mais recentemente nas cidades de tamanho médio.

O tráfico de drogas pode se traduzir em muitos casos pela falta de oportunidades geradas pelo crescimento acelerado das cidades, como nos mostra Muhl (2001),

O crescimento desordenado se agrava devido a processos forçados de uma migração oriundas das necessidades econômicas, culturais e políticas, que gera uma problemática na área econômica e social e que tem influência no aumento dos índices de registros de violência. Uma parcela da população das cidades onde o acesso aos serviços de saneamento e segurança pública acaba sendo mais restrita por diversos fatores, como a falta de oportunidades no mercado de trabalho, e a baixa instrução, acarreta o freqüente número de ocorrências de conflitos, e estes fenômenos merecem ser investigados à luz do conhecimento científico.

Uma análise mais aprofundada da literatura sobre essa temática no escopo da Geografia revela que os condicionantes da violência não apresentam a mesma significância na sua manifestação espacial. Dessa forma, contextos espaciais distintos guardam consigo relações díspares com tais condicionantes. Em outras palavras, os condicionantes da violência adquirem relevância diferenciada de acordo com o local onde são analisados (BATELLA & DINIZ, 2010).

Os efeitos da criminalidade sobre o espaço geográfico são marcantes, e dentre eles o medo tem sido a principal causa do isolamento social e do crescimento e continuidade do individualismo, conseqüências do sentimento de insegurança (SANTOS & RAMIRES, 2009). Este isolamento como já mencionado, é produto do medo das ruas, pois como nos conta Costa e Sá (2007, p. 114), são espaços êmicos nos quais se é suspeito pela condição social. A ideia de segurança está condicionada a padronização do consumo e do comportamento, portanto à perda da liberdade, ainda que não se tenha consciência disso.

2.2 Violência Urbana

A violência é um problema mundial e ultimamente vem ganhando o interesse de várias ciências sociais, seu estudo faz-se necessário para compreender os diferentes aspectos de sua complexidade em nossos dias, confrontando as diversas abordagens e assimilando novos olhares que complementem os já existentes.

A idéia que se tem quando o assunto violência é abordado em artigos e noticiários na imprensa são de que a ela acontece em todos os lugares, ficando mais evidente em centros urbanos. Na verdade ela ocorre em qualquer espaço onde haja disputa social. Ao fazer um resgate histórico sobre esse fenômeno descobre-se que durante toda a história da humanidade houve conflitos, como bem mostra a autora:

[...] a presença da violência é lembrada desde o mito de origem bíblico que se inicia com uma disputa fratricida e morte de Abel por Caim,

evidenciando-se a convivência da sociedade humana com as perenes disputas de poder, com os ódios e com a vontade de aniquilamento de uns pelos outros (MINAYO, 2005, p. 10)

A violência gerada por conflitos urbanos como produto da sociedade urbana, isto é, a produção do espaço urbano e sua conseqüente utilização, seja para moradia ou trabalho, são fatores que ainda são estudados de forma inicial sem muito aprofundamento por parte da ciência Geográfica. Ficando para outras ciências sociais o trabalho de análise mais aprofundado da violência.

As teorias sobre as causas e curas do crime tendem a serem variações das teorias sobre as causas da pobreza persistente (BANFIELD, 1979), talvez seja por isso que frequentemente haja interpretações equivocadas de que a ocorrência de fenômenos violentos ocorra a uma parcela restrita da população, a mais pobre. Obviamente existem fatores que levam a crer que é sempre assim. Antes, é necessário entender que o atual modelo de crescimento econômico é responsável por uma distribuição de renda cada vez mais injusta e impede a expansão do emprego (SANTOS, 1979). O capitalismo gera desigualdade entre uma classe mais rica e outra mais pobre, como nos mostra Lacoste (1978):

Uma característica absolutamente fundamental dos países subdesenvolvidos é a importância considerável de contraste que existe entre a riqueza de uma pequena minoria e a miséria da grande maioria da população. Esta violenta desigualdade ocorre em todos os países subdesenvolvidos (LACOSTE, 1978).

Tradicionalmente, a violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social, à omissão do Estado, ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria os enclaves de pobreza e as periferias. A complexidade e o crescimento da violência levam a comunidade científica a considerá-la como o resultado da junção de todos esses aspectos, facetas do processo social (FERREIRA & PENNA, 2005, p. 157).

As situações de pobreza no Terceiro Mundo são devidas em grande parte, à ação conjugada das estruturas monopolísticas e do Estado (SANTOS, 1979). Nas cidades a violência é produzida pelos os agentes sociais de forma excludente, desigual e injusta, coerente da lógica capitalista, que comanda o desenvolvimento das cidades (FERREIRA & PENNA, 2005).

Vale lembrar que nos grandes centros urbanos, mesmo em países de primeiro mundo, isto é, capitalistas existe uma divisão da riqueza e da pobreza. O que se observa é a presença de um lado da cidade elitizada e privilegiada “convivendo” com outro lado segregado e

repleto de pessoas que vivem a qualquer modo em espaços periferizados sujeitos a toda forma de violência e péssimas condições de vida.

No entanto, Banfield (1979) em seus estudos afirma que

“a razão pela qual as taxas de criminalidade tendem a ser mais altas nas grandes cidades do que nas pequenas pode ter algo a ver com o fato de que, nos grandes centros urbanos, o indivíduo tem mais instrução, mais renda e mais oportunidade.”

De fato, nesses espaços além da população ser mais instruída e possuir mais oportunidade de emprego, são alvos da classe marginalizada que têm mais chance de concretizar seu ato criminoso.

3 METODOLOGIA

Este trabalho realiza um estudo espacial da violência no Agreste paraibano. A mesorregião do Agreste paraibano é uma das quatro mesorregiões do estado da Paraíba. Agrupa um conjunto de 66 municípios formando um total de oito microrregiões. São elas: Brejo Paraibano, Campina Grande, Curimataú Ocidental, Curimataú Oriental, Esperança, Guarabira, Itabaiana e Umbuzeiro.

Num primeiro momento, estatísticas descritivas foram empregadas com o objetivo de explorar a composição, natureza e distribuição das taxas de mortalidade por homicídios e a taxas de homicídios bem como definir as classificações das taxas baixas, médias e altas. Todos os dados utilizados na pesquisa foram coletados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Posteriormente os dados foram organizados em gráficos elaborados pelo autor para ficar mais claro a diferença espacial dos níveis de violência entre os municípios da mesorregião do Agreste da Paraíba.

➤ MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para chegar aos nossos resultados foi necessária a utilização de vários métodos e principalmente materiais que tornaram a realização da pesquisa possível. Alguns desses materiais foram utilizados em quase todas as etapas de realização deste trabalho. Os materiais utilizados foram:

- Equipamentos de informática: Impressora, computador e alguns programas: Word, Excel, Paint e internet.

➤ **LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO**

Foi feito junto à biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III em Guarabira/PB, através de revistas, livros, artigos científicos e sites que serviram de subsídios à fundamentação teórica deste trabalho.

➤ **ETAPA DE GABINETE**

Esse momento foi marcado pela análise dos dados bibliográficos que enriqueceram as fundamentações teóricas, além dos fichamentos de textos, livros, artigos e demais informações relacionadas ao tema trabalhado. Foram elaboradas análise de mapas, fotos e tabelas. Após utilizamos todos os dados (publicações, documentos e informações sobre o tema). Nesse período elaboramos gráficos dos referidos dados obtidos e foi feita toda digitação do material analisado.

➤ **O ENFOQUE DA PESQUISA: OS HOMICÍDIOS**

No presente estudo considera-se a violência em todas as suas manifestações e toma-se como dado o homicídio. Mesmo que nem sempre a violência cotidiana termine em morte, a morte revela a violência ao extremo. De acordo com Ferreira & Penna (2005, p. 156) os homicídios são a parte visível de uma realidade complexa e mostra, que por outro lado, o dado de mortalidade por homicídio a partir do óbito registrado pelo DATASUS/SIM é mais fácil de obter e passível de comparação.

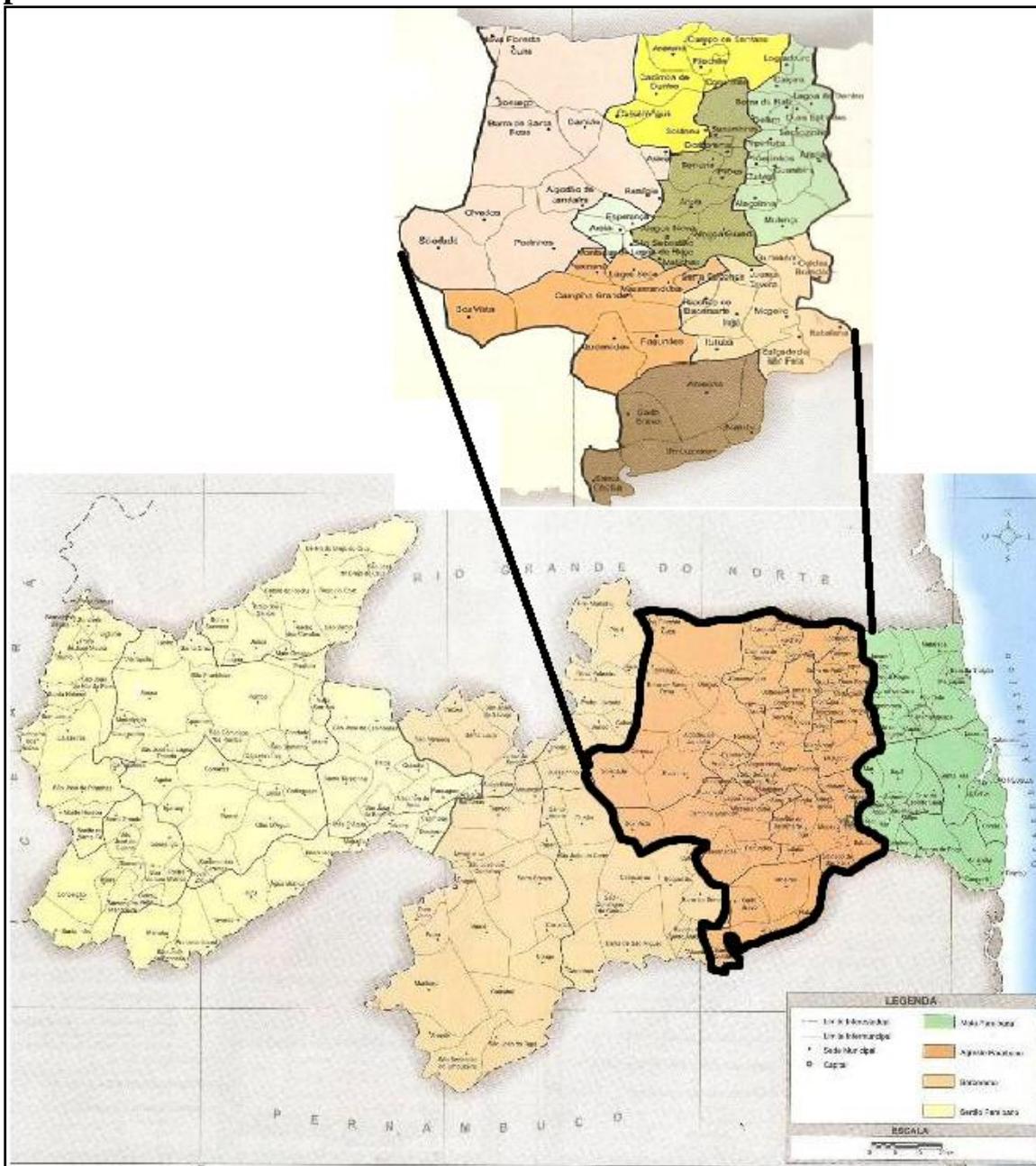
De acordo com Kahn (2005), que elaborou, junto com a coordenadoria de análise e planejamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, o manual de interpretação da Estatística de Criminalidade orienta calcular a taxa de crimes por 100 mil habitantes que é utilizada para permitir a comparabilidade entre locais com diferentes tamanhos de população e neutralizar o crescimento populacional, o que permite que esta comparação seja feita a médio e longo prazo.

Ainda segundo este manual, o cálculo da taxa de crimes por cem mil habitantes é feito da seguinte forma: Número de casos registrados na cidade em determinado ano dividido pelo o total de habitantes da cidade multiplicando o resultado por 100 mil.

4 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

A região em estudo está localizada num dos pontos mais altos do Estado da Paraíba, no Planalto da Borborema, na Mesorregião do Agreste. A economia gira em torno da agricultura de subsistência e do comércio, tendo como principais centros urbanos os municípios de Campina Grande e Guarabira. O Mapa 01 mostra o destaque da região estudada.

Mapa 01 – Mesorregiões paraibanas com destaque para o Agreste paraibano



Fonte: Adaptado de Rodriguez *et al* (1997).

4.1 As variações da mortalidade na mesorregião do Agreste paraibano

As taxas médias de homicídios no Agreste paraibano variam de 0,11 a 2,96 por 100 mil habitantes, no período de 2003 a 2009, assumindo um valor mais ou menos intenso de acordo com uma gama de características locais que abrangem fatores como quantidade de habitantes, localização geográfica, concentração de renda, sazonalidade da segurança pública entre outras. O município de Campina Grande possui uma taxa média de homicídio de 31,40 por 100 mil habitantes, fazendo com que os estudos nesse município devam ser tratados separadamente. Pois, se tratados estatisticamente junto com os outros municípios, produziria variáveis muito elevadas e podem alterar a interpretação dos dados.

São analisados 29,15% dos 223 municípios paraibanos, totalizando 65 municípios da mesorregião estudada, o 66º município, o de Campina Grande é analisado a parte, incluindo este, o grupo a ser estudado é de 29,60% do total do Estado.

4.2 Mortalidade no Agreste Paraibano

As taxas de mortalidade por homicídios no período estudado entre os anos de 2003 e 2009 estão descritas na tabela 01, houve variação entre 0,00 e 0,71 mortes por 1.000 habitantes, sendo esta, uma diferença de 71% entre os 66 municípios do Agreste Paraibano. É importante ressaltar que neste período, o município de Campina Grande foi incluído para se ter uma visão geral da mesorregião.

Tabela 01 - Taxa de mortalidade Agreste Paraibano 2003-2009

Municípios	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Média
Alagoa Grande	0,10	0,10	0,11	0,07	0,07	0,04	0,07	0,08
Alagoa Nova	0,00	0,05	0,00	0,00	0,10	0,20	0,05	0,06
Alagoinha	0,00	0,31	0,00	0,31	0,00	0,30	0,15	0,15
Algodão de Jandaíra	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,41	0,06
Araçagi	0,00	0,00	0,11	0,17	0,00	0,11	0,22	0,09
Arara	0,08	0,24	0,16	0,31	0,00	0,24	0,16	0,17
Araruna	0,18	0,12	0,17	0,29	0,21	0,15	0,40	0,22
Areia	0,00	0,08	0,12	0,16	0,12	0,04	0,04	0,08
Areial	0,00	0,33	0,00	0,17	0,16	0,31	0,47	0,21
Aroeiras	0,05	0,21	0,05	0,16	0,16	0,05	0,71	0,20
Bananeiras	0,14	0,09	0,05	0,19	0,23	0,09	0,18	0,14
Barra de Santa Rosa	0,16	0,08	0,08	0,49	0,08	0,08	0,00	0,14
Belém	0,00	0,06	0,17	0,12	0,06	0,06	0,39	0,12
Boa Vista	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17	0,02

Borborema	0,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,19	0,06
Cacimba de Dentro	0,06	0,06	0,12	0,06	0,00	0,17	0,11	0,08
Caiçara	0,00	0,14	0,00	0,14	0,00	0,13	0,40	0,11
Caldas Brandão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,00	0,03
Campina Grande	0,29	0,27	0,28	0,31	0,33	0,33	0,40	0,31
Campo de Santana	0,11	0,00	0,00	0,00	0,10	0,10	0,10	0,06
Casserengue	0,00	0,28	0,00	0,14	0,15	0,00	0,00	0,08
Cuité	0,00	0,05	0,00	0,10	0,15	0,14	0,10	0,08
Cuitegi	0,00	0,14	0,81	0,27	0,28	0,28	0,14	0,27
Damião	0,00	0,00	0,00	0,00	0,21	0,20	0,00	0,06
Dona Inês	0,09	0,27	0,18	0,09	0,09	0,18	0,18	0,15
Duas Estradas	0,00	0,00	0,33	0,35	0,53	0,00	0,00	0,17
Esperança	0,07	0,46	0,14	0,31	0,27	0,20	0,36	0,26
Fagundes	0,09	0,09	0,09	0,09	0,25	0,25	0,08	0,13
Gado Bravo	0,00	0,12	0,00	0,00	0,00	0,12	0,24	0,07
Guarabira	0,31	0,25	0,19	0,23	0,17	0,25	0,14	0,22
Gurinhém	0,08	0,00	0,00	0,00	0,08	0,15	0,14	0,06
Ingá	0,00	0,06	0,00	0,12	0,17	0,11	0,05	0,07
Itabaiana	0,04	0,08	0,12	0,12	0,40	0,16	0,04	0,14
Itatuba	0,00	0,00	0,11	0,10	0,00	0,10	0,10	0,06
Juarez Távora	0,00	0,00	0,00	0,14	0,13	0,00	0,26	0,08
Lagoa de Dentro	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	0,27	0,27	0,10
Lagoa Seca	0,04	0,04	0,04	0,12	0,12	0,20	0,27	0,12
Logradouro	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,25	0,04
Massaranduba	0,17	0,26	0,17	0,09	0,24	0,16	0,08	0,17
Matinhas	0,00	0,00	0,00	0,53	0,24	0,23	0,23	0,18
Mogeiro	0,00	0,00	0,00	0,08	0,00	0,16	0,16	0,06
Montadas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,42	0,06
Mulungu	0,00	0,12	0,13	0,26	0,21	0,10	0,00	0,12
Natuba	0,00	0,10	0,10	0,10	0,29	0,19	0,00	0,11
Nova Floresta	0,00	0,00	0,00	0,09	0,20	0,29	0,10	0,10
Olivedos	0,00	0,32	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05
Pilões	0,26	0,00	0,00	0,13	0,14	0,14	0,00	0,10
Pilõezinhos	0,18	0,37	0,18	0,00	0,38	0,18	0,37	0,24
Pirpirituba	0,10	0,10	0,00	0,00	0,20	0,29	0,00	0,10
Pocinhos	0,13	0,27	0,20	0,13	0,19	0,37	0,06	0,19
Puxinanã	0,00	0,00	0,08	0,24	0,16	0,08	0,22	0,11
Queimadas	0,03	0,08	0,05	0,10	0,10	0,23	0,30	0,13
Remígio	0,13	0,14	0,41	0,07	0,00	0,17	0,11	0,15
Riachão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,29	0,00	0,04
Riachão do Bacamarte	0,00	0,00	0,25	0,25	0,48	0,23	0,23	0,21
Salgado de São Félix	0,08	0,08	0,17	0,00	0,00	0,31	0,08	0,10
Santa Cecília	0,00	0,00	0,15	0,15	0,29	0,00	0,00	0,08
S. Sebastião de L. de Roça	0,00	0,00	0,09	0,27	0,00	0,27	0,27	0,13
Serra da Raiz	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,08	0,01
Serra Redonda	0,00	0,27	0,27	0,14	0,00	0,13	0,13	0,13

Serraria	0,00	0,38	0,20	0,00	0,00	0,00	0,15	0,10
Sertãozinho	0,27	0,26	0,00	0,00	0,24	0,00	0,00	0,11
Solânea	0,13	0,16	0,09	0,25	0,15	0,21	0,04	0,15
Soledade	0,08	0,16	0,63	0,16	0,23	0,30	0,51	0,30
Sossêgo	0,00	0,00	0,00	0,36	0,00	0,33	0,00	0,10
Umbuzeiro	0,00	0,12	0,00	0,36	0,22	0,32	0,21	0,17
Médias	0,06	0,11	0,10	0,13	0,13	0,15	0,17	0,12

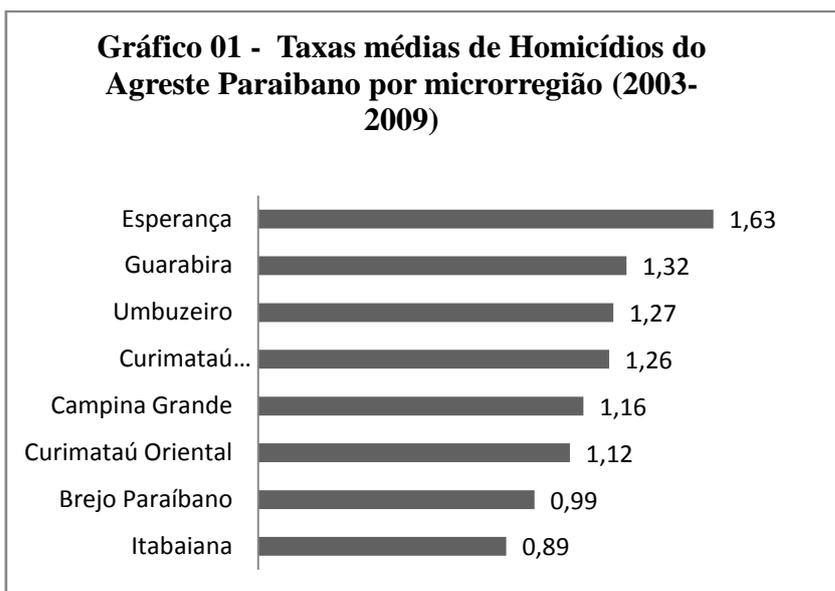
Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

Observa-se que durante o período, alguns municípios obtiveram taxas médias de mortalidade maior, como o caso de Campina Grande, Pilõezinhos, Soledade, Alagoinha, Araruna, Areial, Duas Estradas e Esperança. Porém, deve-se destacar também aqueles municípios cuja taxa de mortalidade foi nula (0,00 mortes por 1.000 habitantes), como no caso de Oivedos, Algodão de Jandaíra, Boa Vista, Caldas Brandão, Logradouro, Montadas, Riachão e Serra da Raíz, obtiveram taxas igual a 0,00 em 6 anos do período estudado, e os municípios de Borborema, Damião e Sossêgo obtiveram taxas nulas em 5 anos da pesquisa.

A tabela 01 ainda nos mostra que o resultado teve aumento nos anos de 2003 a 2009, de 0,06 para 0,17 mortes por 1.000 habitantes, respectivamente, isso representa um aumento de 183,33%. No total, a média de mortalidades por homicídios no Agreste Paraibano foi de 0,12 para cada 1.000 habitantes.

4.3 Taxas médias de Homicídios do Agreste Paraibano por microrregião (2003-2009)

O gráfico 01 apresenta as taxas médias de homicídios do Agreste paraibano dividido por microrregião. A mesorregião estudada, apresenta 08 microrregiões, dessa forma adotou-se uma divisão categorizada do espaço para analisá-las separadamente.

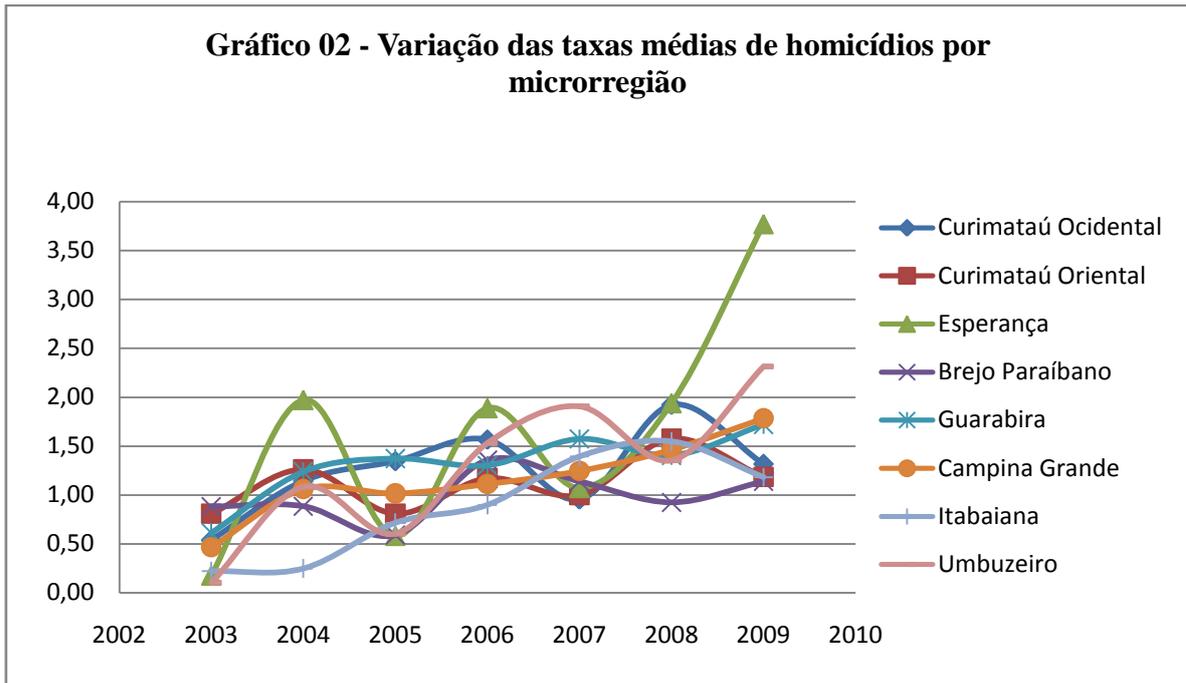


Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

Adotou-se ainda analisar o município de Campina Grande em separado, uma vez que suas taxas de homicídios eram muito elevadas e elevaria as taxas médias dos outros municípios da mesma microrregião, com isso, os dados seriam interpretados de forma errônea, o que poderia comprometer a pesquisa. As oito microrregiões estudadas obtiveram variação de 0,74 na média de suas taxas de homicídios por 100 mil habitantes. A microrregião de Esperança foi a que obteve a média mais expressiva com 1,63 homicídios para cada 100 mil habitantes. Seguida da microrregião de Guarabira com 1,32 mortes por violência para cada 100 mil habitantes. As microrregiões do Brejo Paraíbano e de Itabaiana apresentaram as taxas médias mais baixas no período, obtendo 0,99 e 0,89, respectivamente.

4.4 Variação das taxas médias dos municípios de homicídios por microrregião

O gráfico 02 mostra a variação das taxas médias de homicídios por 100.000 habitantes dos municípios de cada microrregião, no período entre 2003 e 2009, vale ressaltar que o gráfico ilustra a variação, mas nele não consta incluso o município de Campina Grande na microrregião de mesmo nome, seguindo o mesmo raciocínio da análise do gráfico 01.



Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

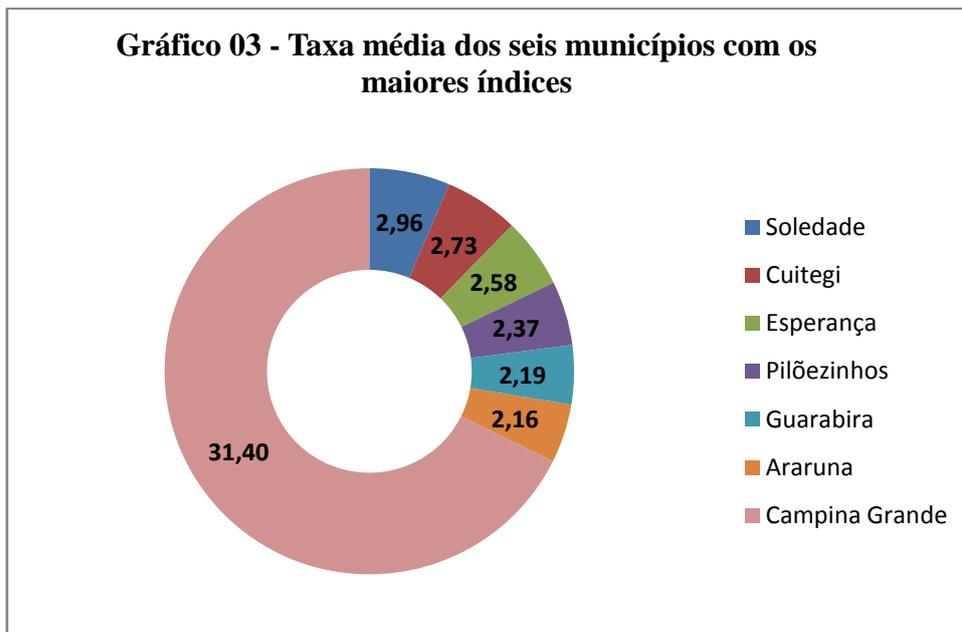
Entre 2003 e 2009 as taxas médias variaram bastante, como é exposto no gráfico 02, houve períodos onde as taxas se elevaram como nos anos de 2004, 2006, 2008 e 2009, vale observar que a partir do ano de 2005, as taxas médias das microrregiões do Curimataú Oriental, Brejo Paraibano, Itabaiana, e Campina Grande, mesmo no ritmo de crescimento em relação a 2003, passaram por um período de estabilidade, pode-se crer que o resultado da campanha do desarmamento naquelas microrregiões tenha sido mais efetivo.

Nas outras microrregiões, como na de Esperança e de Umbuzeiro principalmente, foram as que mais oscilaram no período da pesquisa. A microrregião de Esperança obteve a maior taxa média de homicídio por 100 mil habitantes, tanto nos picos onde no geral foram mais elevadas como na média geral do período obtendo 1,63 (gráfico 01), sendo esta a que deve ser analisada com mais atenção pelas autoridades e pelos órgãos de segurança pública.

Pode verificar que pegando-se apenas os anos de 2003 e 2009, início e término do período analisado, todas as taxas médias obtiveram apenas aumento, e onde se vê mais expressividade nessa amplitude é nas taxas das microrregiões de Esperança, Umbuzeiro e Campina Grande que apresentaram amplitude de 3,59, 2,21 e 1,3, respectivamente.

4.5 Taxa média dos seis municípios com os maiores índices

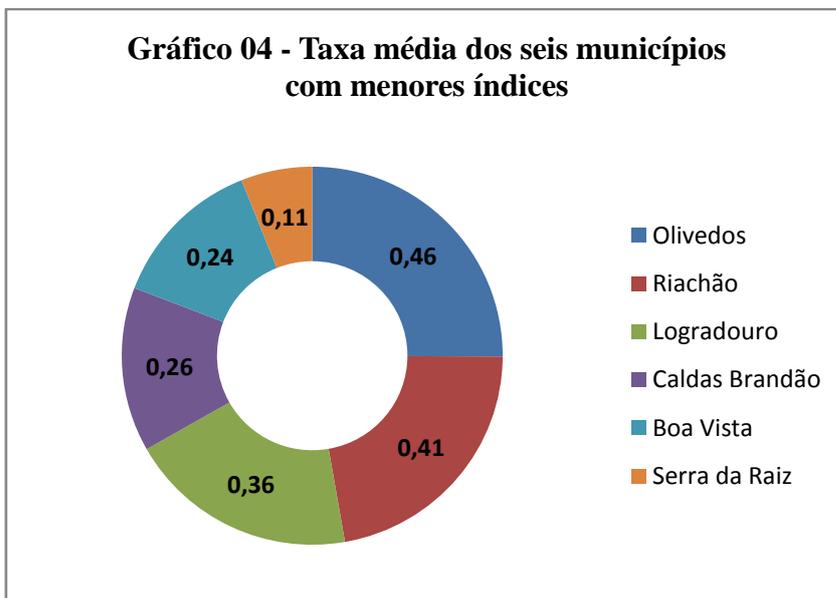
Ao analisar o gráfico 03, o das maiores taxas médias de homicídios dos municípios ao fim do período, foi indispensável à inclusão do município de Campina Grande nesta análise, pois os números comprovam a seriedade que esse município vem enfrentando com a violência.



Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

O município de Campina Grande, maior em termos de população, e um dos maiores em termo de área da mesorregião do Agreste, entre as sete maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes apresenta 67,70% do total, os outros seis municípios juntos possuem 32,30% dessa parcela. Esse dado só evidencia que Campina Grande possui sozinha uma grande fração de mortes violentas se comparada a todos os demais municípios da Mesorregião e também portadora da maior taxa de homicídios por 100 mil habitantes (31,40).

4.6 Taxa média dos seis municípios com menores índices



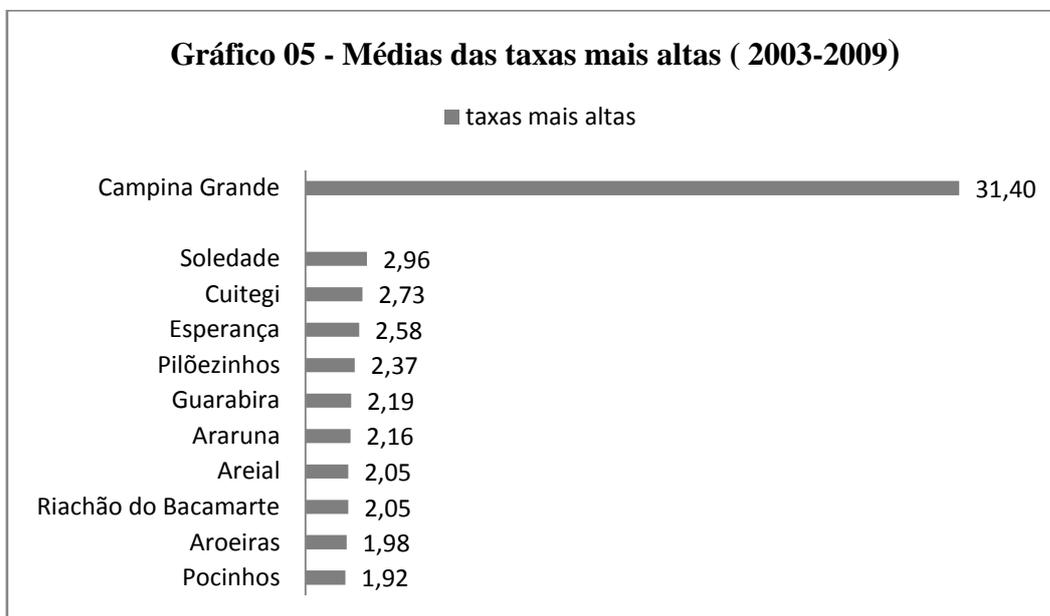
Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

O gráfico 04 apresenta os seis municípios da mesorregião do Agreste paraibano que, ao final dos anos da pesquisa, apresentaram as menores taxas médias de homicídio por 100 mil habitantes. A tranquilidade que estes dados remetem à sociedade não a desobriga de esquecer a violência pode ocorrer a qualquer momento e que este quadro pode reverter dependendo dos fatores condicionantes para o crime.

Pelo contrário, a partir do conhecimento da situação relativamente tranqüila, deve-se procurar a manutenção ou até mesmo a erradicação desses baixos índices. Especialmente, apenas os municípios de Logradouro e Serra da Raiz localizam-se na mesma microrregião do Brejo Paraibano, os demais municípios do gráfico 04 localizam-se em microrregiões distintas.

4.7 Médias das taxas mais altas

O gráfico 05 mostra os municípios que apresentaram as maiores médias da taxa de homicídio do Agreste Paraibano, com destaque para Campina Grande.



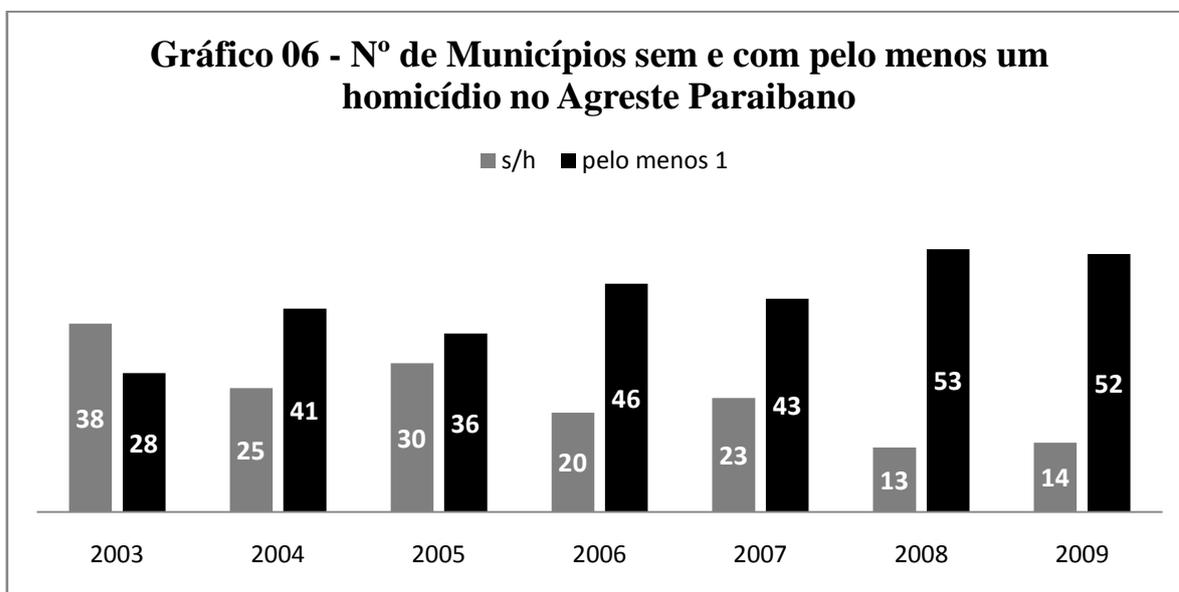
Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

O município de Campina Grande apresenta 31,40 homicídios por 100 mil habitantes, isso é quase 11 vezes maior que o município de Soledade que apresentou uma média entre 2003 e 2009 de 2,96 homicídios por 100 mil habitantes. Destaque ainda para os outros municípios que obtiveram as maiores taxas, pois todos eles possuem uma proximidade com os centros urbanos que possuem destaque comercial, como Campina Grande e Guarabira. O município de Araruna faz divisa como Estado do Rio Grande do Norte enquanto que Aroeiras possui grande proximidade ao Estado de Pernambuco.

Pode-se fazer uma menção aos estudos de Boselli (2008), ao analisar os homicídios no Brasil separou-os em categorias e deu importância aos municípios de fronteira ou próximos às fronteiras internacionais, segundo ele, geralmente sendo de pequeno e médio porte, e pode indicar a interferência do crime organizado nessas municipalidades, decorrente do intenso tráfico de drogas, de armas e de pessoas que passam por essas regiões. Não se podem fazer comparações assim, pois as situações são bem diferentes, mas em muitos municípios periféricos de grandes zonas metropolitanas a população conhece a realidade de muitos refugiados da lei das cidades grandes esperando encontrar impunidade onde a lei não os alcança, ou seja, esses limites e zonas fronteiriças.

4.8 Número de Municípios sem e com pelo menos um homicídio no Agreste Paraibano

O gráfico 06 apresenta a quantidade de municípios que não apresentaram homicídios naquele ano e os que apresentaram pelo menos um no ano estudado.



Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

Fica ilustrado que o número de municípios que não apresentavam homicídios naquele ano diminuiu de forma oscilante, a quantidade caiu de 38 municípios em 2003 para 14 em 2009, isso é pouco mais de duas vezes menos cidades com quantidades nulas de mortes, por consequência, a quantidade de municípios que apresentaram pelo menos uma morte, aumentou de 28 municípios em 2003 para 52 municípios em 2009, fica evidente com esse quadro invertido, o aumento de mortes por homicídios no Agreste paraibano.

A situação se mostra preocupante, pois houve uma diminuição da quantidade de municípios sem homicídios foi de 36,84% referente ao ano de 2003 á 2009; paradoxalmente o grande aumento da quantidade de municípios que apresentaram pelo menos 1 homicídio foi de 85,71%.

Outra curiosidade e chama atenção ao observar o gráfico 06 é o fato de que em anos de eleição a quantidade de municípios com pelo menos um homicídio é bem maior em relação aos anos anteriores, levando a crer que anos eleitorais, tendem a ser mais violentos.

4.9 Quantidade de municípios que apresentaram taxas de homicídios variadas

O gráfico 07 nos mostra a quantidade de municípios que apresentaram taxas de homicídios variadas, isto é, qual foi a tendência de crescimento, diminuição ou estagnação das taxas consideradas pela metodologia utilizada neste trabalho como altas, médias e baixas. Nele, o município de Campina Grande também foi retirado para não elevar as taxas da microrregião de mesmo nome.



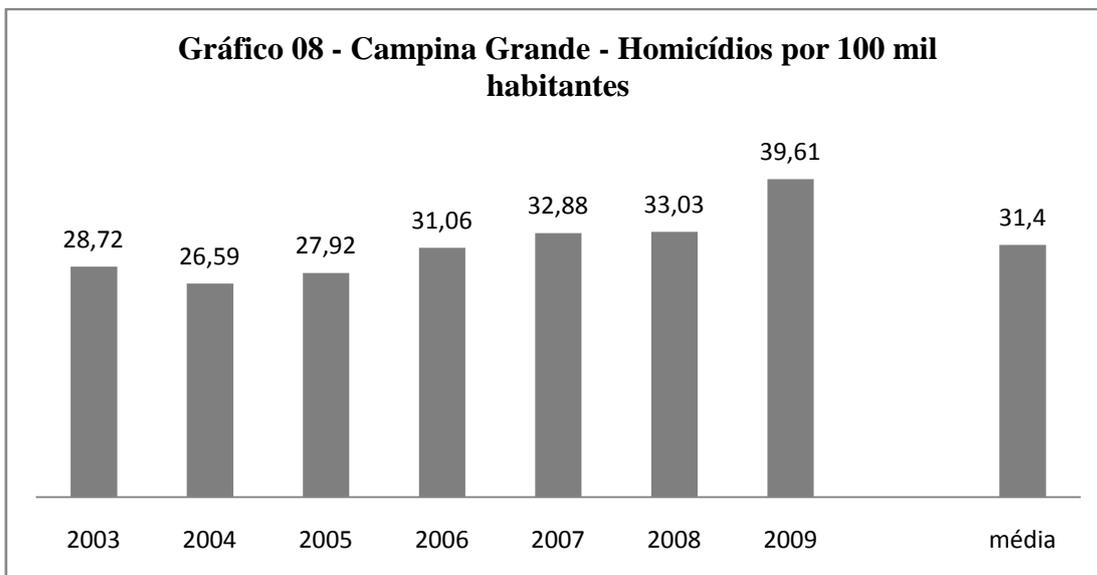
Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

No início dos anos pesquisados a quantidade de municípios na mesorregião que apresentaram taxas de homicídios consideradas mínimas eram predominantes, nos anos de 2004 e 2005, o gráfico 07 mostra que os municípios de taxas médias já apontavam tendência de crescimento, mas nesses dois anos a quantidade entre taxas mínimas e médias ainda eram equiparáveis.

A partir de 2006 fica evidente o crescimento da quantidade de taxas médias apresentadas, e uma progressiva diminuição das taxas mínimas, mostrando que o poder público deve se atentar para a situação que se agravou a partir daí, uma quantidade maior de homicídios proporcionou um crescimento na quantidade de municípios que passaram a apresentar taxas médias, mesmo não sendo altas já mostra o aumento da espacialidade da violência nesta mesorregião.

Já as taxas altas apresentaram uma estagnação, embora seja preocupante, não houve variações relevantes, pois a média predominou entre a sua tendência, obtendo um total de 10 municípios.

4.10 Campina Grande - Homicídios por 100 mil habitantes



Fonte: Adaptado de SIM/DATASUS, 2010.

O gráfico 08 justifica o estudo a parte que foi e deve ser feito no município de Campina Grande. Este município como já foi mostrado é detentor de taxas de homicídio muito expressivas, passível de comparação com as maiores taxas do Brasil.

Nos últimos anos, Campina Grande tem demonstrado um progressivo aumento de suas taxas, merecendo ser alvo de estudos mais detalhados nesta área que pode ser considerada de risco nesta cidade. Economicamente, este é o principal centro comercial do Agreste paraibano, tem regiões de alto luxo contrastando com a pobreza segregada e nessas fronteiras a violência é mais aparente.

Nos estudos de Santos, Bezerra e Souza Júnior (2011, p. 13) os homicídios e assassinatos se constituem como uma realidade presente em Campina Grande, existindo fortes relações com o tráfico de drogas e comércio ilegal de armas que aparecem em segundo plano. Ainda segundo os autores, a sensação de medo influenciou as mudanças da paisagem urbana especialmente da classe média, isolando-se cada vez mais dos espaços de vivência dado o risco que a vivência urbana da cidade tem mostrado.

No geral, inferir hipóteses sobre a interiorização da violência deve ser um processo contínuo e incansável em vários campos científicos, fato é o risco que a população corre com este fenômeno tão perverso e presente em todos os municípios brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções sobre o tema e resultados, especificamente são e devem ser interpretados como valores aproximados a realidade vivenciada. Isso se deve ao clamor da melhoria da informação relacionado aos serviços prestados pelo IML, principalmente em muitos locais onde esses órgãos sequer existem (NJAINÉ & REIS, 2005). Onde existe, o que ocorre é que muitos médicos-legistas preenchem apenas a natureza da lesão, sem informar a circunstância que provocou o óbito.

Além da má qualidade da informação, existe a falta de autonomia dos municípios para tratar de policiamento, uma vez que é o Estado e Governo Federal que possui a responsabilidade centralizada, mas é nas particularidades dos municípios onde a população sofre com a violência. Mas isso não desobriga o município de proporcionar condições favoráveis à boa qualidade de vida das pessoas que podem minimizar eventos criminosos.

A interiorização da violência também pode estar ocorrendo devido à pacificações em grandes aglomerados subnormais de outros Estados, estes, à princípio alvos de migrações de pessoas esperançosas que saem do interior em busca de oportunidade e se deparam com frustrações e vem no tráfico a única forma de sobrevivência. O ponto é que muitas vezes pessoas voltam a sua terra natal (interior) e encontram facilidade, devido à falta de impunidade e policiamento, para repetir as práticas criminosas em cidades do interior, de menor porte.

O Agreste paraibano é um exemplo entre tantas outras regionalidades do país que apresenta um quadro de elevação do número de mortes por violência, esse fenômeno está presente e merece ser debatido em outras intenções científicas e serem levados os resultados à luz dos poderes públicos e órgãos de segurança pública.

REFERÊNCIAS

- BANFIELD, E. C. **A Crise Urbana: Natureza e Futuro**. Trad. Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1979.
- BATELLA, W. B.; DINIZ, A. M. A. **Análise Espacial dos Condicionantes da Criminalidade Violenta no Estado de Minas Gerais**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (1) 151-163, abr. 2010.
- BORDIN, Marcelo. **Geografia do crime em Curitiba: A produção de Espaços segregados pela violência**. Dissertação em Mestrado (Universidade Federal do Paraná). Curitiba-PR, 2009.
- BOSELLI, Giane. **O homicídio nos municípios brasileiros: um retrato da geografia do crime e sua relação com os indicadores sociais**. [S. l.], Confederação Nacional de Municípios – CNM, 2008.
- COSTA, Antônio Albuquerque da; SÁ, Alcindo José de. **Metamorfoses dos espaços públicos: o medo que transforma as praças em percursos tangenciáveis**. In: SÁ, Alcindo José de (Org.). Por uma geografia sem cárceres públicos ou privados. Recife: Os Autores, 2007. 398 p. :Il., fig., tab., fotos, mapas, Graf.
- DIAS, A. R. F. **O Discurso da Violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KAHN, Túlio. **Estatística de criminalidade – Manual de interpretação**. Coordenadoria de Análise e Planejamento – CAP/SSP-SP, 2005.
- LACOSTE, Y. **Geografia do Subdesenvolvimento**. 5 ed. Rio de Janeiro – São Paulo, 1978.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência: Um problema para a saúde dos brasileiros** (Cap. 1) In: BRASIL. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: MS, 2005. 340p.
- MUHL, P. A. **Migração e Violência: microrregiões geográficas de Carazinho e de Porto Alegre**. (Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – GEOGRAFIA) 1v. 2001, 215p.
- NJAINE, Kathie & REIS, Ana Cristina. **Qualidade da informação sobre acidentes e violências** (Cap. 10) In: BRASIL. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: MS, 2005. 340p.
- PORTO, M. S. G. **Brasília, uma cidade como as outras? Representações sociais e práticas de violência**. Soc. estado. [online]. 2009, vol.24, n.3, pp. 797-826.
- RODRIGUEZ, Janete Lins; TELLES, Gislaine Maria Ventura Venâncio; SILVA, José Nilton da; VASCONCELOS, Luciana Bezerra de; CARVALHO, Maria Gelza rocha Fernandes de & MACIEL, Valdenora da Silva. **Atlas Escolar Paraíba - Espaço Geo-Histórico e Cultural**. João Pessoa-PB, 1997.

SANTOS, M. A. F. e RAMIRES, J. C. L. **Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia.** Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (1): 131-145, ABR. 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Tradução Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SANTOS, Samara Íris de Lima Santos; BEZERRA, Polyanna Priscilla da Silva Xavier & SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. **Mapeamento da violência urbana em Campina Grande-PB: Tendências e Desafios.** In: Anais II Colóquio Nacional de Estudos Interdisciplinares sobre Infância e Juventude, NUPECIJ, Campina Grande, Brasil, abr de 2011.

SIM/DATASUS/MS. **O banco de dados do Sistema Único de Saúde.** Disponível em <www.datasus.gov.br>. Acesso em Nov de 2010.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa de violência dos municípios brasileiros.** Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI, 2007.